

A UNILA em processo: mediação como prática

UNILA en proceso: mediación como práctica

Diana Araujo Pereira (UNILA)

Resumo:

Propomos uma reflexão sobre a implantação da UNILA na região trinacional (Brasil, Paraguai e Argentina). A UNILA, cujas bases político-pedagógicas estão estruturadas sobre o bilinguismo, a interdisciplinaridade e o projeto de integração latino-americana, requer de sua comunidade acadêmica um pensar contextualizado, que se alimente das dimensões culturais que fazem parte de nossa cotidianidade acadêmica e regional. A prática pedagógica exige, de seus atores, um grande esforço para a criação de relações que se estabeleçam sobre bases interculturais, como resposta à sua diversidade.

Palavras-chave: UNILA, mediação cultural, interculturalidade

Resumen:

Proponemos una reflexión sobre la implantación de la UNILA en la región trinacional (Brasil, Paraguay y Argentina). UNILA, cuyas bases político-pedagógicas están estructuradas sobre el bilingüismo, la interdisciplinaridad y el proyecto de integración latinoamericana, requiere de su comunidad académica un pensar contextualizado, que se alimente de las dimensiones culturales que hacen parte de nuestra cotidianeidad académica y regional. La práctica pedagógica exige, de sus actores, un gran esfuerzo hacia la creación de relaciones que se establezcan sobre bases interculturales, como respuesta a su diversidad.

Palabras clave: UNILA, mediación cultural, interculturalidad

1. A UNILA em contexto de diversidade cultural

A UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana – começa a funcionar em agosto de 2010 imbuída de muitos desafios. Seu projeto, criado pela Comissão de Implantação anteriormente instituída em janeiro de 2008, determina as bases sobre as quais a nova universidade deverá ser fundamentada: o bilinguismo (português-espanhol), a interdisciplinaridade e a efetiva

colaboração com o processo de integração latino-americana¹.

No ato de instalação e posse da sua Comissão de Implantação, ocorrido em 6 de março de 2008, no Salão de Atos do MEC, o Secretário da SESu/MEC da época, Prof. Ronaldo Mota, proferiu a seguinte declaração, oficializando o perfil a ser seguido pela UNILA:

É uma universidade mais do que temática, no sentido de contemplar uma regionalidade; tratando, ao mesmo tempo, os temas de forma intensa e profunda em relação ao pensamento. Portanto, esta universidade é absolutamente inovadora, na sua essência, desde seu nascimento. Ela pretende ser aquilo que nós chamaríamos a fronteira no que diz respeito à integração entre os povos, a integração entre o tratamento comum de temas transfronteiriços, sem os quais nós perderíamos uma rica oportunidade de irmos além daquilo que os nossos importantes elementos de rotina contêm. (In: *Unila em construção*, 2009, p. 62)

Tal declaração é ratificada pelo então Ministro da Educação, Fernando Haddad (in: *Unila em construção*, 2009, p. 63), ao afirmar que o objetivo era justamente “pensar um modelo novo de universidade. [...] Nós temos que realmente formar quadros que repensem o continente, repensem o nosso futuro, e pensem numa espécie de civilização latino-americana que certamente contribuirá com todo o mundo.” A UNILA nasce, portanto, como resposta à histórica demanda de uma integração regional que ultrapasse o âmbito meramente econômico.

O crítico Teixeira Coelho, no texto “Por uma cultura universitária”, afirma a dificuldade da manutenção dos vínculos comunitários que deveriam pautar a convivência universitária e ressalta que o primeiro objetivo de qualquer universidade deveria ser a criação de um mito – ou de um significado, valor ou crença que a justifique: “Mais do que fornecer ao estudante um equipamento adequado para a vida profissional, esse núcleo lhe abre a perspectiva de um modo cultural de entender a vida e o mundo” (COELHO, 2000, p. 167). No entanto, a UNILA abria suas portas para os primeiros alunos, técnicos e professores, em agosto de 2010, tendo como base um mito ou um núcleo sobre o qual estruturar-se: a integração latino-americana; e sustentando-se sobre o bilinguismo e a pluriculturalidade.

Se em qualquer sala de aula do Brasil a heterogeneidade é uma constante, imagine-se em um contexto como o da UNILA, onde além da heterogeneidade regional, a grande diversidade de nacionalidades contribui para a ênfase em uma enorme complexidade cultural, objetivada em formações escolares de distintos alcances e profundidades. Neste sentido, nossas práticas cotidianas estão sempre muito marcadas por necessárias e inevitáveis reformulações que alcançam tanto o processo de ensinar como o processo de aprender, obrigando-nos a repensar os tradicionais papéis de professor e aluno. Nesta realidade que prioriza, por si mesma, a horizontalidade do processo de

¹ Uma parte deste artigo foi publicada no capítulo “Diversidade cultural em contexto de integração”. In: PEREIRA, Amílcar Araujo (Org.) *Educação e diversidade em diferentes contextos*. RJ: Pallas, 2015.

ensino-aprendizagem e de convivência, convém lembrar a defesa do sociólogo Michel Maffesoli (2009, p. 164) de que a autoridade deve servir apenas “como revelador do Ser coletivo. Indo além da verticalidade, põe a ênfase na imanência do mundo. Imanentismo da comunidade”. A UNILA nos impõe um projeto de universidade condizente com a sua realidade contextual, e de forma mais ampla, com um período histórico contrário a qualquer concepção ou certezas absolutas e eternas, e cuja dinâmica e velocidade privilegiam as verdades aproximativas, provisórias e parciais.

Em todo este contexto marcado pela necessidade de adaptabilidade de seus protagonistas, as especificidades de cada um de nós devem ser levadas em consideração, a fim de não cometermos o grave erro de qualquer projeto integracionista: a homogeneização da diversidade e o não reconhecimento das divergências inerentes a qualquer relação intercultural.

Já é mais do que notório nos estudos linguísticos a ênfase sobre o quanto as línguas carregam consigo os elementos basilares da memória coletiva, e como são responsáveis pela circulação de seus símbolos, metáforas e mitos; tudo isto incide em grande medida na formação das identidades individuais e/ou coletivas, e nas práticas socioculturais que as acompanham.

No dinâmico ambiente de plurilinguismo e pluriculturalidade da UNILA, a tendência à homogeneização é vedada pela vital circulação de ideias, palavras e corpos com cores e formatos diferentes. No entanto, isto não significa que não haja discriminação e imagens estereotipadas em diversos graus. A constante atenção a este fato é primordial para delegar o necessário “empoderamento” às línguas e culturas minoritarizadas do continente.

2. Práticas interculturais

Através de práticas aparentemente simples, como a realização de *Saraus de Poesia* nos quais se incluem, em pé de igualdade, poemas em línguas originárias (como o guarani ou o quéchua), atuamos em sintonia com a ideia de uma construção intercultural ativa e sensível a toda esta diversidade. Com atividades como estas – simples, mas absolutamente simbólicas – fomos, pouco a pouco, estabelecendo o caráter político e politizador das relações culturais dentro da comunidade acadêmica. Esta política inclusiva, que reitera o papel do ensino de línguas na UNILA como um eixo fundamental na sua mediação interna (inclusive indo muito além do seu bilinguismo institucionalizado), torna-se cada vez mais visível através da promoção de outras importantes ações da área de línguas vinculada ao Ciclo Comum, atualmente responsável pelo ensino de línguas originárias no âmbito universitário, além de projetos de extensão que alcançam também a comunidade externa e já começam a redefinir a inserção do guarani na cidade de Foz do Iguaçu.²

² Dentro do marco comemorativo dos primeiros 5 anos da UNILA, celebrado ao longo de 2015, vale a pena recordar que, juntamente com os prof. Nilson dos Santos e Gentil Corazza, compus a primeira coordenação colegiada do Ciclo

A preocupação com a interculturalidade é, portanto, fundamental em todas as relações que se estabelecem dentro da UNILA, e deve configurar uma marca que se estenda da comunidade acadêmica à regional, fomentando toda uma via de integração através de diálogos culturais que estabeleçam a possibilidade de colocar, no mesmo patamar, culturas e línguas historicamente subjugadas. Pensando em termos de “descolonização da mente e dos saberes”, a reflexão e a prática acadêmicas interculturais têm muito a revelar sobre a riqueza cultural latino-americana. Por interculturalidade entendemos, com o filósofo cubano Raúl Fonet-Betancourt (2004, p. 13):

[...] não uma posição teórica, nem tampouco um diálogo de/e/entre culturas [...], no qual as culturas se tomam como entidades espiritualizadas e fechadas; senão que interculturalidade quer designar, antes, aquela *postura* ou *disposição* pela qual o ser humano se capacita para, e se habitua a viver “suas” referências identitárias *em relação* com os chamados “outros”, quer dizer, compartilhando-as em convivência com eles. Daí que se trata de uma atitude que abre o ser humano e o impulsiona a um processo de reaprendizagem e recolocação cultural e contextual. É uma atitude que, por nos tirar de nossas seguranças teóricas e práticas, permite-nos perceber o analfabetismo cultural do qual nos fazemos culpáveis quando cremos que basta uma cultura, a “própria”, para ler e interpretar o mundo.

A criação de uma editora alternativa – a UNILA Cartonera – prioriza a mesma linha de atuação, cujo objetivo vem sendo pautado pela busca de práticas de dimensões interculturais concretas, trabalhando, inclusive, com edições trilíngues: português, espanhol e guarani, a fim de tornar a leitura acessível às três cidades que formam a região trifronteiriça, com traduções inéditas na historiografia literária latino-americana. (Até o momento, a UNILA Cartonera conta com 3 volumes de narrativas e poesias frutos dos três concursos literários promovidos durante a minha atuação como tutora do grupo PET-Conexões de saberes, além das antologias de Horacio Quiroga e Machado de Assis em edição trilingue e a Antologia 8 Mulheres/8 Mujeres).

Fortalecia-se, desta maneira, uma política linguística cada vez mais clara, de inserção do guarani em uma relação de igualdade com o espanhol e o português³; reconhecendo, portanto, a importância cultural e a dimensão artística e estética desta língua, representativa das línguas originárias do continente.

Neste contexto, a atividade tradutória é não apenas coerente como também necessária à prática intercultural. Ainda segundo Raúl Fonet-Betancourt (2004, p. 13):

Interculturalidade é experiência, vivência da impropriedade dos *nomes próprios* com que nomeamos as coisas. Ou, dito de maneira mais positiva, é a experiência de que nossas práticas culturais devem ser, também, práticas de tradução. Interculturalidade é o

Comum da UNILA, como coordenadora da área de Línguas Adicionais.

³ Observe-se que, atualmente, pela proximidade e apoios promovidos pelo PTI – Parque Tecnológico de Itaipu, a maioria de alunos estrangeiros da UNILA é de paraguaios, por isso a presença mais constante e visível da língua guarani ao lado do espanhol e do português.

reconhecimento da necessidade de que uma dimensão fundamental na prática cultural que temos como “própria” tem de ser a da tradução dos “nomes próprios” que consolidam sua tradição.

O processo tradutório pode ser compreendido, inclusive, como o *modus operandi* por excelência do Novo Mundo, ou seja, como uma prática inerente à constituição histórica e ontológica da América Latina e, por isso mesmo, fundamental para a compreensão de suas relações socioculturais da atualidade. Tradução, portanto, como processo de reelaboração da expressão do outro em expressão própria e vice-versa:

Al día siguiente de la conquista, el mundo poscolombiano empezaba en un acto de traducción: en las versiones parciales y lecturas cruzadas de los hechos. El sujeto del Nuevo Mundo, que había aprendido a hablar y leer en el lenguaje del Viejo Mundo, era ya el intérprete de un traducir permanente. Y éste es el gesto que definirá la temprana modernidad del sujeto de las Américas. (ORTEGA, 2010, p.167)

O trabalho acadêmico na UNILA (seja como ensino, pesquisa ou extensão), impõe um tratamento diferenciado do contexto cultural *extramuros*, regional, mas sobre tudo *intramuros*. A experiência que nasce da convivência e da atuação pedagógica exige uma grande adaptabilidade por parte de professores e estudantes e, em grande medida, pela própria comunidade regional. Neste sentido, vários projetos desenvolvidos na UNILA atuam, direta ou indiretamente, em diálogo com o imaginário coletivo e a memória histórica que promovem a circulação do capital simbólico pelas fronteiras. Estes projetos procuram dar visibilidade à riqueza cultural que transborda do nosso contexto interno, assim como dar visibilidade, também, às imagens que estamos criando e que certamente se expandirão quando cada um destes estudantes retornar aos seus países.

O imaginário ao qual nos referimos pode ser sintetizado pela definição de Teixeira Coelho (2000, p. 57): “conjunto das imagens não gratuitas e das relações de imagem que constituem o capital inconsciente e o capital pensado do ser humano”. Este capital, formado pelas imagens criadas e reproduzidas em nível histórico e/ou subjetivo, incide sobre a territorialidade geográfica e suas práticas sociais, alterando confluências antes tidas como naturais e, por outro lado, rompendo limites para criar novas hibridações.

Portanto, concebemos o imaginário como um complexo simbólico e mítico, organizado como um campo semântico aberto, regido por suas próprias dinâmicas; e capaz de condicionar a “sociabilidade” de qualquer coletividade. Segundo Michel Maffesoli (2009, p. 149), todos estes elementos se amalgamam, formando uma “centralidade subterrânea” integradora das diversas dimensões do humano: “dimensões oníricas, imaginárias, lúdicas, imateriais do dado mundano contra o aspecto puramente 'positivo' de um social racional e contratual.” Gilbert Durand (2001, p.

96), um dos mais importantes conceitualizadores do imaginário, acrescenta à nossa reflexão:

Os conteúdos imaginários (os sonhos, desejos, mitos, etc.) de uma sociedade nascem durante um percurso temporal e um fluxo confuso, porém importante, para finalmente se racionalizarem numa “teatralização” [...] de usos “legalizados” [...], positivos ou negativos, os quais recebem suas estruturas e seus valores das várias “confluências” sociais (apoios políticos, econômicos, militares, etc.), perdendo assim sua espontaneidade mitogênica em construções filosóficas, ideologias e codificações.

Tais reflexões são imprescindíveis para pensar a relação mais imediata da universidade com o seu contexto geográfico trinacional (pluriétnico, pluricultural) marcado por episódios históricos que ainda repercutem no presente: a Guerra da Tríplice Aliança (ou Guerra do Paraguai) e a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, impondo o fim das Sete Quedas, a inundação de um grande território, o deslocamento de grupos indígenas e o forte incremento dos chamados *brasiguaios*.

Ao imaginário que circula e define esta região de fronteira como lugar de passagem, trânsito, circulação de bens, línguas e pessoas, isto é, de capital financeiro, mercantil mas também e, fundamentalmente, de capital simbólico e de memória histórica, a UNILA vem somar um novo imaginário que amplia suas relações geopolíticas com uma dimensão geopoética: a Tríplice Fronteira como cadinho de uma nova concepção cultural para a América Latina, forjada a partir de seus enfrentamentos e tensões, mas também a partir de suas hibridações e diálogos. Sem esquecer que as tradições se amalgamam e, ao mesmo tempo, se impõem limites cotidianos, para que a interculturalidade funcione exatamente nesta tensão entre as culturas em fronteiras ou fronteiraças que ora rompem seus limites para gerarem algo novo, e ora se separam para demarcar o próprio e a tradição.

Neste lugar de acordos e conflitos continuamente negociados, as “guerras culturais” são não apenas inerentes como necessárias. Segundo Teixeira Coelho (2000, p. 15):

A rede de representações que o ser humano faz e refaz para dar sentido a sua existência exige contínuas reformulações e inovações – e nesse caso as guerras culturais, ou as guerras pelo sentido cultural das representações, serão inevitáveis. E desejáveis. [...] Para enfrentá-las requer-se um projeto cultural.

Este é, certamente, um dos maiores desafios assumidos pela UNILA: pensar a integração a partir de bases interculturais, não desconhecendo jamais que “cultura política é a cultura que nos permite conviver em sociedade, conviver na cidade, na *pólis*”, como afirma Teixeira Coelho (2000, p. 119). Ainda segundo este ensaísta:

A religião já foi, durante um tempo, um longo tempo, a liga social necessária. Substitui-a nessa função de cimento social a ideologia [...]. Uma e outra viram-se largamente corroídas,

ao longo deste século e, em especial, das últimas três décadas. [...] Com a religião e a ideologia neutralizadas, e com a evidência de que a economia não alicerça uma civilização, resta para assumir o papel de concreto da comunidade a cultura. Talvez não a arte, isoladamente, mas sem dúvida a cultura. Está na cultura a forma de religião laica que a modernidade vem procurando promover desde o século XVIII como o catalisador por excelência da convivência social.

Para aprofundar a reflexão a respeito da centralidade política da dimensão cultural (COELHO, 2000, p. 122), recorremos também a Milton Santos (2009, p. 61), quando este afirma que “a sociedade produz a paisagem, mas que isso jamais ocorre sem mediação.” Daí a necessidade de compreender que “ao lado das formas geográficas e da estrutura social, devemos também considerar as funções e os processos que [...] levam a energia social a transmutar-se em formas.”

3. Projetos de mediação cultural

O projeto da UNILA, voltado para a integração latino-americana, vai se consolidando, portanto, como um projeto de mediação cultural e, a partir deste cenário, compreende-se melhor a criação do curso de Letras – Artes e Mediação Cultural⁴, a partir do projeto “Unila Guarani” apresentado pela prof. Alai Garcia Diniz (Prof. Visitante Sênior – março de 2011 a março de 2015) à CAPES. Um curso que se propõe à reflexão e à elaboração de ações que colaborem com a criação deste lugar social, observando as práticas tradutórias tão necessárias para convivência e partilha da riqueza cultural que conforma e define a América Latina e o Caribe; este “Novo Mundo” perpassado por subjetividades vinculadas a tantos povos, culturas, espacialidades e temporalidades que aqui se encontram e se comunicam.

Também a partir desta perspectiva compreende-se a atuação que priorizei para o IMEA-UNILA (Instituto Mercosul de Estudos Avançados), durante o curto tempo em que fui responsável pela sua Coordenação (junho de 2013 a abril de 2014). O IMEA, este Órgão Suplementar diretamente vinculado à Reitoria (e por isso mesmo extremamente suscetível às alterações políticas que a mudança administrativa imprima à universidade), deveria ser o espaço por excelência para as diversas mediações que devem se dar a fim de favorecer o desenvolvimento institucional.

O IMEA guarda a memória da UNILA em sentido amplo, subjetivo e também histórico. Além de ser o órgão a partir do qual todo o corpo unileiro cresce e se fortalece, sua função é priorizar, claramente, a integração regional através do viés investigativo (os estudos avançados, tradicionalmente, vinculam-se à pós-graduação), da criação de redes e de conexões entre diversos grupos de pesquisa em toda a América Latina e no mundo. No entanto, há outra função que poderia

⁴ No qual atuo desde a sua elaboração, tendo sido sua primeira coordenadora.

ser priorizada pelo IMEA: a mediação em âmbito interno, entre as diversas partes do corpo unileiro e, externamente, deste com a comunidade regional.

Com o crescimento da universidade, com a chegada de novos docentes vindos de contextos tão diversos, a tendência natural é que se dilua o sentido original de um dos seus aspectos fundadores – o trabalho pela integração – à medida que novos interesses de pesquisa vão surgindo e imprimindo cores diferentes ao mosaico interno. Neste sentido, a PRPPG (Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação) precisa garantir que todos os docentes e estudantes tenham seus interesses respeitados e fomentados. É neste contexto que o IMEA cresce em importância, pois ao vincular-se fundamentalmente com o início da universidade, é o órgão no qual a semente de sua “missão integracionista” pode ser mais claramente assegurada, a fim de que o mito que nos deu nascimento chegue às próximas décadas transformado em realidade cotidiana. Mais do que o cérebro da Universidade, o IMEA precisa ser o seu coração, o lugar que promove a oxigenação de todas as suas instâncias, onde encontre acolhida – independentemente da tendência política e de gestão – a prioridade para o pensamento latino-americanista, desdobrando-se em variados contextos e áreas disciplinares.

No período no qual atuei como Coordenadora do IMEA, junto com o vice-reitor da UNILA, Nielsen de Paula (e com a fundamental colaboração da secretária Fernanda Pereira), idealizamos e organizamos o *Forum Permanente para a Integração da América Latina e o Caribe* que se propunha a ser “um espaço de convergência para investigadores latino-americanistas de distintas áreas, e para todos aqueles que estejam interessados em estudar o continente a partir de perspectivas integracionistas” (<http://unila.edu.br/forum-imea>). De março a dezembro de 2014, o Forum manteve uma presença fundamental na região, tendo sido realizado, majoritariamente, na Câmara de Vereadores de Foz do Iguaçu, em pleno centro comercial e político da cidade. A sua programação incluía os professores seniores ativos na UNILA, assim como importantes convidados como, por exemplo, Julio Sau (professor da Universidade de Santiago de Chile e gerente da editora Fondo de Cultura Econômica), Murilo Komniski (assessor do Gabinete do Ministério da Defesa), Victorio Oxilia (pesquisador e professor da Faculdade Politécnica da Universidade Nacional de Assunção), Beatriz Paredes (Embaixadora do México no Brasil), Eduardo Deves Valdés (filósofo e professor da Universidade de Santiago) ou Luiz Gonzaga Motta (professor e pesquisador da UNB), entre outros. A partir de pontos de vista diferentes e de disciplinas variadas, o tema da integração foi amplamente debatido. Felizmente, a minha saída da coordenação não afetou a programação que já estava preparada, permitindo que o Forum se mantivesse ativo ao longo de todo o ano de 2014.

No entanto, há outra mediação crucial, ainda pendente, que poderia ser realizada pelo IMEA-UNILA: a de priorizar outro tipo de “conhecimento avançado”, aquele que surge de outros saberes tão importantes quanto os tradicionalmente vinculados à academia, que alimentam as veias

da América Latina de sangue próprio – os saberes indígenas, negros (afrodescendentes), artístico-culturais, etc. E para que este âmbito seja alcançado, e tais saberes possam ascender ao patamar acadêmico que merecem – de estudos avançados – a mediação do IMEA precisa organizar-se em conjunto com a sua comunidade interna (docentes, técnicos e estudantes) e externa, em sentido bastante ampliado.

Já é tempo de priorizar a horizontalidade das relações, sua constituição em rizomas ou redes. A mediação como prática promove a visibilidade e o empoderamento das culturas e saberes que circulam pela América Latina e o Caribe, sem exclusões ou hierarquias, colocando no mesmo patamar de importância as pesquisas mais avançadas em ciência e tecnologia com outras *ninguneadas* ao longo dos últimos cinco séculos de tantas injustiças históricas. Mediação como prática para a geração de novos saberes, criados a partir da digestão antropofágica e voltados para novas possibilidades – novas utopias – incrementadas com o século XXI.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. SP: Global, 1990.

COELHO, Teixeira. *Guerras Culturais*. SP: Iluminuras, 2000.

Comissão de Implantação da UNILA. *A Unila em Construção: um projeto universitário para a América Latina*. Foz do Iguaçu: IMEA, 2009.

DURAND, Gilbert. *O Imaginário. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. RJ: Difel, 2001.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. *Interculturalidade. Críticas, diálogos e perspectivas*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *El reencantamiento del mundo. Una ética para nuestro tiempo*. Buenos Aires: Dedalus, 2009.

ORTEGA, Julio. *El sujeto dialógico. Negociaciones de la modernidad conflictiva*. México: FCE, 2010.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. SP: EDUSP, 2009.